

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Maio.2017
Artigo
Carpintaria

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Época Negócios
Inspiração
Raquel Grisotto
COD.FDAG.0025

INSPIRAÇÃO



Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Maio.2017
Artigo
Carpintaria

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Época Negócios
Inspiração
Raquel Grisotto
COD.FDAG.0025



O JOCKEY VOLTA À MODA

Como dois jovens cariocas estão transformando uma área degradada do Hipódromo da Gávea em um novo circuito cultural do Rio de Janeiro



RAQUEL GRISOTTO



EDUARDO ZAPPIA E ANNA CAROLINA NEGRI

QUANDO criança, o carioca Luiz Gustavo Neves costumava acompanhar o pai – um turfista apaixonado – em suas longas tardes de apostas no Hipódromo da Gávea, no Rio de Janeiro. À época, o Jockey Club Brasileiro já não ostentava mais o glamour das décadas de 40 e 50, quando os páreos faziam lotar as arquibancadas e os eventos sociais reuniam boa parte da elite carioca. Mas o terreno amplo – são mais de 300 mil metros

quadrados encravados entre o Jardim Botânico, o Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas – e a vista privilegiadíssima para o Corcovado eram suficientes para encantar o garoto.

Hoje, aos 36 anos e ainda sócio da instituição, Neves continua frequentador do lugar e, nos últimos tempos, tornou-se também um dos maiores entusiastas da revitalização da área. “Ficava triste de ver um local tão bonito sendo tão pouco aproveitado pela população”, diz Neves. “Queria fazer algo para mudar esse quadro.”

A chance surgiu quando Neves percebeu, em uma área abandonada do hipódromo, uma oportunidade para fazer negócios – e, de quebra, atrair muito mais gente à região. Neves uniu-se ao amigo Francisco Pel-



TEMPOS MODERNOS Os sócios Neves e Pellegrino (em pé): planos para revitalizar outras áreas do Jockey Club

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Maio.2017
Artigo
Carpintaria

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Época Negócios
Inspiração
Raquel Grisotto
COD.FDAG.0025



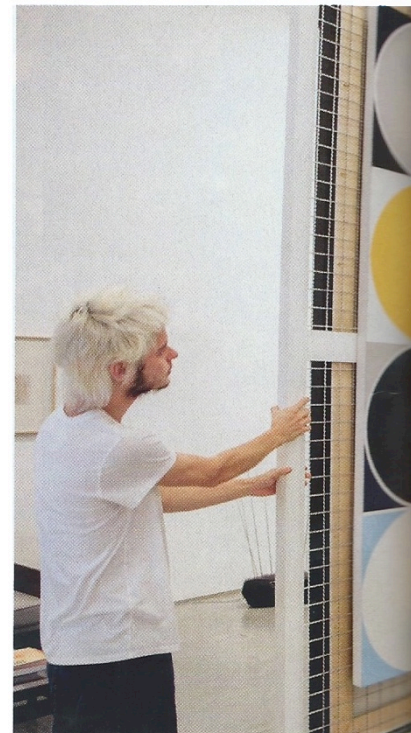
legrino, de 37 anos, para viabilizar a Vila Portugal, um complexo de galerias e restaurantes que, aos poucos, começa a tomar forma, ocupando o que antes eram apenas ruínas de uma antiga vila operária. “Queríamos fazer algo que tivesse relação com o bairro”, diz Neves. “Por isso, pensamos no polo cultural. O Jardim Botânico tem muitos ateliês e um circuito de arte reconhecido.”

O primeiro empreendimento da Vila Portugal, a Carpintaria, abriu as portas em novembro e já se transformou em um dos endereços mais bacanas do Rio de Janeiro. Projeto da renomada galeria paulistana Fortes Vilaça (agora, Fortes D'Aloia & Gabriel), o local, além de apresentar trabalhos de diferentes artistas, vai abrigar eventos e encontros para discussões culturais, num galpão feito sob medida para o empreendimento,

com vistas para a pista de corrida e as montanhas.

Em junho, entra em operação o Camolesi, misto de restaurante, pizzaria, cervejaria e clubinho de jazz, que terá no comando o empresário Cello Macedo (dono de outras casas famosas no Rio) e o artista Vik Muniz. Outros dois negócios estão prestes a ser finalizados – a primeira galeria de Oskar Metsavaht, o fundador da Osklen, e uma nova unidade da já tradicional Nara Roesler. “O entusiasmo com que esse grupo embarcou na nossa ideia foi fundamental para a viabilidade do projeto”, diz Neves.

A primeira turma a apostar na Vila Portugal foi o trio Márcia Fortes, Alessandra D'Aloia e Alexandre Gabriel, da Carpintaria – apresentado a Neves e Pellegrino por intermédio dos artistas Otávio e Gustavo Pandolfo, OSGÊMEOS. “A ideia ini-



➤ **MULTÍUSO** Além de exposições permanentes, a Carpintaria também vai abrigar debates culturais e shows

◀◀ **PADRINHOS** Os galeristas Alexandre Gabriel, Márcia Fortes (no centro) e Alessandra D'Aloia foram os primeiros a apoiar o projeto

cial, nas conversas com o Neves e o Pellegrino, era montar quatro restaurantes e uma galeria de arte. Mas nós os convencemos a dar mais ênfase à parte cultural”, conta Márcia Fortes. “O projeto, então, se encaminhou para as três galerias e o clube

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Maio.2017
Artigo
Carpintaria

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Época Negócios
Inspiração
Raquel Grisotto
COD.FDAG.0025



de jazz.” A exposição *Uma Canção para o Rio*, feita com a colaboração de dois curadores de Los Angeles, Douglas Fogle e Hanneke Skerath, marcou a estreia da Carpintaria na Vila Portugal. Márcia explica que a mostra explorou a relação entre as artes visuais e a música por meio de um conjunto de obras assinadas por artistas brasileiros e do exterior – entre os quais Martin Creed, Hélio Oiticica, Nuno Ramos, Barrão e Rivane Neuenschwander. “A Carpintaria tem um conceito: ser um espaço para o diálogo cultural entre artistas e o mercado, por meio de shows, exposições e debates”, afir-

ma Márcia. “Acho, enfim, que essa é a vocação da Vila como um todo.”

Idealizado pela primeira vez em 2010, o projeto da Vila Portugal foi marcado por uma série de obstáculos. O primeiro deles foi chegar a um modelo de negócios que atendesse tanto à necessidade dos novos ocupantes como dos sócios e frequentadores do Jockey. As negociações com a diretoria do clube arrastaram-se por mais de um ano. No final, chegou-se ao seguinte: os galeristas e empresários são responsáveis pelos custos de revitalização ou das novas construções, e pagam diretamente ao Jockey o valor dos aluguéis – em

contratos de oito anos. Neves e Pellegrino ficam com um percentual sobre cada contrato.

Resolvido esse impasse, a dupla de amigos ainda precisou lidar com a morosidade para a obtenção de todas as licenças e autorizações – além de uma resistência dura da Associação de Moradores do Jardim Botânico. O grupo chegou a fazer uma denúncia no Ministério Público, acusando o clube por crimes ambientais e contra o patrimônio cultural. “Foi um erro nosso”, diz Neves. “Boa parte da confusão se deu por uma falha de comunicação.” A situação foi resolvida depois que o projeto foi apresentado de forma detalhada durante várias reuniões, com grupos de moradores e também do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, órgão da prefeitura responsável pela preservação de edifícios de valor histórico e arquitetônico.

“Tudo é aprendizado”, diz Neves, que não esconde a satisfação ao falar da empreitada. Ele e Pellegrino são agora sócios da Negroni, uma consultoria especializada em prospectar áreas degradadas ou ociosas com bom potencial para revitalização. Outros três projetos já estão engatilhados, um deles com o próprio Jockey. Além do Hipódromo da Gávea, o clube também é dono de um complexo de três prédios no centro da cidade. “O Rio está cheio de possibilidades para projetos como o da Vila Portugal”, diz Neves. “E nós estamos com a maior disposição para executá-los.” **N**